



PODER

Críticas a Trump e exaltação à soberania

Lula diz que governo dos EUA tem agido como imperador, ameaçando o mundo inteiro. Presidente enfatiza que Brasil é aberto ao diálogo, mas não aceita ser tratado como subalterno. Ele volta a chamar Eduardo Bolsonaro de “traidor da pátria”

» FERNANDA STRICKLAND
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva comandou uma reunião ministerial, ontem, para ajustar os rumos do governo a pouco mais de um ano das eleições. Até o slogan da gestão mudou: sai “Brasil, União e Reconstrução” e entra “Governo do Brasil do lado do Povo Brasileiro”. O Planalto quer aproveitar o impulso que o chefe do Executivo teve na popularidade, enfrentando o tarifaço dos Estados Unidos e reforçando o discurso de soberania.

Pesquisas de opinião recentes mostram um aumento na aprovação de Lula, o que não ocorria desde o fim do ano passado. O presidente vê brecha para chegar com maior folga à disputa das eleições no ano que vem. Segundo fontes palacianas ouvidas pelo **Correio**, a mudança do slogan se deu por entendimento de que a ideia de um Brasil em união e reconstrução já foi consolidada, e a imagem de um governo próximo ao povo enfatizará as ideias de soberania e justiça social.

Lula conduziu o encontro com seus 38 titulares durante pouco mais de três horas e discursou duas vezes — na abertura e no encerramento. Todos os ministros receberam um boné azul com a frase “O Brasil é dos Brasileiros”, adotado no início do ano em resposta ao alinhamento da oposição com o governo de Donald Trump. Apenas a abertura do encontro foi transmitida.

Lula dedicou boa parte de sua fala para criticar as ações de Trump e da família Bolsonaro. “A última novidade é a posição do governo dos Estados Unidos, que tem agido como se fosse imperador do planeta Terra. É uma coisa descabida”, declarou o presidente. “Ele (Trump) continua fazendo ameaças ao mundo inteiro. Ontem (anteontem), publicou uma nota ameaçando outra vez, que quem mexer nas big techs deles vai sofrer as consequências. Ele ameaça qualquer país”, acrescentou.

Também em referência às plataformas, o petista afirmou que quem quiser entrar no território brasileiro tem de prestar contas à Constituição. Mencionando o vice-presidente Geraldo Alckmin e os ministros Fernando Haddad (Fazenda) e Mauro Vieira (Relações Exteriores), principais negociadores para tentar aliviar a

Ricardo Stuckert / PR



Na reunião ministerial, no Planalto, o presidente Lula e os ministros usaram bonés azuis com a frase “O Brasil é dos brasileiros”, numa resposta à ofensiva norte-americana



A última novidade é a posição do governo dos Estados Unidos, que tem agido como se fosse imperador do planeta Terra. (...) Não aceitamos desaforos e petulância de ninguém. Se a gente gostasse de imperador, não teria acabado com o império. A gente quer este país democrático, soberano, republicano”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

sobretaxa, ressaltou que o Brasil está disposto a negociar “qualquer tópico”, mas que não aceita ser tratado como subalterno.

Eduardo Bolsonaro

Em seguida, Lula disparou críticas ao clã Bolsonaro. Disse que a atuação do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), para incentivar sanções contra o Brasil, é “uma das maiores traições” que um país pode sofrer.

“Não existe nada que possa ser mais grave do que uma família inteira ter um filho custeado pela família, um cidadão que já deveria ter sido expulso da Câmara dos Deputados, insuflando com mentiras e hipocrisias um outro Estado contra o Estado Nacional do Brasil”, frisou Lula.

Ele acusou Eduardo de ter abandonado o país e de adotar os EUA como sua pátria. No início do ano, o deputado se mudou para os Estados Unidos e, desde então, articula com trumpistas as sanções comerciais, revogação de vistos e aplicações da Lei Magnitsky contra

autoridades brasileiras.

O presidente ainda orientou que seus ministros defendam, em todos os discursos, a soberania do Brasil. “Não aceitamos desaforos e petulância de ninguém. Se a gente gostasse de imperador, a gente não teria acabado com o império. A gente ainda seria uma monarquia. A gente quer este país democrático, soberano, republicano”, pregou.

Na mesma linha, ele repudiou a cassação do visto americano do ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski. A medida havia sido adelantada pelo influenciador bolsonarista Paulo Figueiredo na semana passada, mas não confirmada por órgãos oficiais brasileiros ou americanos.

“Eu queria dizer ao companheiro Lewandowski da minha solidariedade e da solidariedade do governo a você por conta do gesto irresponsável dos Estados Unidos de cassar o seu visto. Na verdade, eu acho que eles estão deixando de receber uma personalidade da sua competência, da sua capacidade”, elogiou. “Essas atitudes são inaceitáveis, não só

contra o Lewandowski, mas contra os ministros da Suprema Corte, contra qualquer personalidade brasileira”, acrescentou. O titular da Justiça foi o primeiro ministro de Estado a ser sancionado — Alexandre Padilha, da Saúde, estava com o documento vencido, mas sua esposa e sua filha tiveram os vistos revogados.

Sobre o cenário internacional, Lula disse que a guerra entre Rússia e Ucrânia parece estar chegando ao fim, mas que há preocupação com a reconstrução do território ucraniano e com o aumento dos gastos com armamentos na União Europeia. Ele voltou a criticar as ações de Israel na Faixa de Gaza, no mesmo dia em que foi acusado de antissemitismo pelo chanceler israelense Israel Katz. “Nós temos a continuidade do genocídio na Faixa de Gaza, que não para. Todo dia tem uma novidade. Todo dia, mais gente morre; todo dia, crianças que estão com fome aparecem na mídia, totalmente esqueléticas, atrás de comida, e são assassinadas, como

se estivessem em guerra, como se fossem do Hamas”, afirmou.

Além de Lula, discursaram Alckmin e o ministro da Casa Civil, Rui Costa, responsável por coordenar o trabalho de toda a Esplanada e levar propostas e demandas ao chefe do Executivo. Em sua fala, Rui fez um balanço das entregas do governo e orientou os demais ministros: que viajem mais, apareçam na mídia e façam comparações com os governos passados, especialmente com a gestão Bolsonaro.

“É importante que nós possamos destacar as entregas, dando capilaridade a essa comunicação e a essas entregas, com a presença seja física, seja virtual, seja através de entrevistas, dos ministros e dos técnicos nos estados. Aumentar a presença nossa nos estados é importante. Didaticamente, as pessoas conseguem entender mais quando você compara o antes e o depois, como estava e como está. Isso é muito didático. É importante que a gente possa comparar, porque, em todos os itens, sem exceção, nós vamos ter resultados muito mais positivos”, declarou o ministro.

Itamaraty reage a “grosserias” de ministro israelense

O Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) reagiu ontem às declarações do ministro da Defesa israelense, Israel Katz, que chamou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva de “antissemita declarado” e “apoiador do Hamas”. Em nota publicada nas redes sociais, a chancelaria brasileira classificou as falas de Katz como “ofensas, inverdades e grosserias inaceitáveis” contra o Brasil e o chefe de Estado.

“Espera-se do sr. Katz, em vez de habituais mentiras e agressões, que assuma responsabilidade e apure a verdade sobre o ataque de ontem (segunda-feira) contra o Hospital Nasser, em Gaza, que provocou a morte de ao menos 20 palestinos, incluindo pacientes, jornalistas e trabalhadores humanitários”, afirmou o Itamaraty.

A chancelaria brasileira destacou que as operações militares de

Israel já resultaram na morte de 62.744 palestinos, sendo um terço mulheres e crianças, além da imposição de “uma política de fome como arma de guerra” contra a população da Faixa de Gaza. O ministério lembrou que Israel é alvo de investigação na Corte Internacional de Justiça (CIJ) por “plausível violação” da Convenção para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio.

A ofensiva verbal de Katz ocorreu após o governo Lula anunciar a retirada do Brasil da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA), organismo dedicado ao combate ao antissemitismo. O ministro israelense acusou o presidente brasileiro de se alinhar a regimes como o Irã, que nega o Holocausto e ameaça a existência do Estado de Israel.

A crise se intensificou depois que Israel informou, na segunda-feira, que as relações bilaterais

AFP Ahmad Gharabli/AFP



Israel Katz chamou o presidente brasileiro de “antissemita declarado”

com o Brasil passariam a ser conduzidas em “um nível diplomático inferior”. O motivo foi a recusa do governo brasileiro em conceder o agrément ao embaixador indicado por Tel Aviv para Brasília, Gali Dagan — passo necessário para que um diplomata seja oficialmente aceito no país anfitrião.

Katz afirmou que Lula já havia sido declarado persona non grata em Israel, durante seu período como chanceler, após declarações consideradas ofensivas sobre o Holocausto. Agora, segundo ele, a saída do Brasil da IHRA revelaria a “verdadeira face” do presidente.

O Itamaraty, por sua vez, responsabilizou o ministro da Defesa israelense pelo agravamento da crise, ressaltando que cabe a ele garantir que Israel “não apenas previna, mas também impeça a prática de genocídio contra os palestinos”. (FS)



Espera-se do sr. Katz, em vez de habituais mentiras e agressões, que assuma responsabilidade e apure a verdade sobre o ataque de ontem (segunda-feira) contra o Hospital Nasser, em Gaza, que provocou a morte de ao menos 20 palestinos, incluindo pacientes, jornalistas e trabalhadores humanitários”

Trecho da nota do Itamaraty